

Maria Emilia Sardelich¹
Ana Paula da Silva Santos²

O que se fala sobre Cultura Visual no GT 24 da Anped

What about Visual Culture on
GT 24 Anped.

Lo que se habla sobre
Cultura Visual GT 24 Anped.

Resumo

Este artigo apresenta um levantamento bibliográfico realizado nos Anais das Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), no período de 2007-2017, a fim de identificar a produção sobre Cultura Visual que vem se construindo no Brasil. A coleta de dados efetivou-se a partir de dois descritores: cultura visual e visualidade. Foram localizados sete trabalhos com os descritores no título, resumo ou palavras-chave das comunicações, dos quais três deles focalizam questões relacionadas à formação docente; dois discutem Educação Formal e Não Formal, um aborda a Educação Especial e outro assinala a experiência visual no âmbito da Educação Básica. Os resultados apontam que a problemática da visualidade e a construção social da visão ainda é emergente no GT 24 da Anped, sinalizando brechas de pesquisa sobre a construção visual do social, em uma cultura em que abundam os fenômenos e atos visuais.

Palavras-chave: cultura Visual; Visualidade; Levantamento Bibliográfico; Anais da Anped.

Abstract

This article presents a bibliographical search carried out in the Annals of the National Meetings of the National Association of Graduate Studies and Research in Education (Anped), in the period of 2007-2017, in order to identify the production on Visual Culture that is being constructed in Brazil. The data collection was carried out from two descriptors: visual culture and visuality. Seven papers with descriptors were found in the title, abstract or keywords of the communications, of which three focused on issues related to teacher training; two of it discusses Formal and Non-Formal Education, one of it addresses Special Education and the other highlights the visual experience within Basic Education. The results indicate that the problem of visuality and the social construction of vision are still emerging in the GT 24 of Anped, signaling research gaps on the visual construction of the social, within a culture abounding visual phenomena and acts.

Key-words: visual Culture; Visuality; Bibliographic Research; Annals of Anped.

Resumen

Este artículo presenta una investigación bibliográfica realizada em los Anales de las Reuniones Nacionales de la Asociación Nacional de Postgrado e Investigación en Educación (Anped), en el período 2007 – 2017, para identificar la producción sobre Cultura Visual que se está construyendo en Brasil. Se han buscado los datos a partir de dos descriptores: cultura visual y visualidad. Se encontraron siete artículos con descriptores en el título, resumen o palabras clave de las comunicaciones, de los cuales tres se centraron en temas relacionados con la formación del profesorado; dos analizan la educación formal y no formal, uno aborda la educación especial y otro enmarca la experiencia visual en la educación básica. Los resultados señalan que el problema de la visualidad y la construcción social de la visión aún está surgiendo en el GT 24 de Anped, lo que señala brechas de investigación sobre la construcción visual de lo social, en una cultura en la que abundan los fenómenos y los actos visuales.

Palabras clave: cultura Visual; Visualidad; Estudio bibliográfico; Actas de Anped.

¹ Professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Centro de Educação (CE), Departamento Metodologia da Educação (DME) e Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2001), pós-doutorado em Cultura Visual, Universidade de Barcelona (2003). <http://lattes.cnpq.br/8436767321723519> <https://orcid.org/0000-0001-8134-8807>

² Licenciada em Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 2018. Integrante do Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), da UFPB. <http://lattes.cnpq.br/0221458454153925> <https://orcid.org/0000-0002-9647-6059>.

Introdução

Um campo de estudo se configura pelo esforço coletivo de inúmeras vozes vindas, muitas vezes, de territórios próximos, fronteiriços, concorrentes e depende de um posicionamento aberto dos pesquisadores que configuram o próprio campo de estudo, além de um tempo para a sua aceitação. A constituição de um campo de estudo não acontece de modo coerente e harmônico, pois não há “saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2010, p.30).

Nesse sentido, o reconhecimento acadêmico da Cultura Visual como campo de estudo situa-se na década de 1980, com os primeiros programas de pós-graduação instituídos nos Estados Unidos e na Inglaterra, entre os territórios da História da Arte, da Comunicação e dos Estudos Literários. Além de ter contestada sua própria denominação, esse campo assinala muito mais uma problemática do que um objeto de estudo específico, de contornos definidos.

No Brasil, como campo de estudo acadêmico, a Universidade Federal de Goiás (UFG) organizou o primeiro Programa de Pós-graduação em Cultura Visual, no grau de Mestrado, em 2003. Porém, em 2010, com a aprovação do doutorado na área, a denominação mudou para Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual – Mestrado e Doutorado (PPGACV). Na produção acadêmica brasileira, a problematização sobre a experiência visual vem ganhando espaço em Programas de Pós-Graduação em Arte, Comunicação, Letras, Educação e História (SARDELICH; GARCIA, 2016), como também em espaços não formais de aprendizagem (SARDELICH; SANTOS; BRUSTOLIN, 2017).

O adensamento de publicações sobre esse campo de estudo tem gerado alguns questionamentos entre os pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tais como: De que modo vem sendo construído o campo de estudo da Cultura Visual no Brasil? Quem discute esse campo e a partir de quais referenciais? Quais as conexões que se estabelecem entre esse campo de estudo e a área educacional?

Apesar da acelerada produção acadêmica sobre Cultura Visual no País, ainda faltam estudos que realizem um balanço sobre o conhecimento produzido e apontem os enfoques mais pesquisados. Por essa razão, o GPEAV vem elaborando um estado do conhecimento sobre a Cultura Visual no Brasil. Esse estado do conhecimento pretende contribuir com a organização de uma memória sobre as pesquisas em Cultura Visual por considerar que a compreensão do estado do conhecimento sobre um campo de estudo, em um determinado período, é necessária ao próprio processo da construção desse campo para que se sistematize, periodicamente, o conjunto de informações e resultados alcançados. Consideramos que a produção deste estado do conhecimento constitui-se uma “frente de pesquisa” e uma “memória” (CHARLOT, 2006) sobre o que sabemos, discutimos e questionamos, além das posições que se assumem nesses debates, e tem o objetivo de dar visibilidade aos pontos de partida e pontos de apoio existentes no campo de estudo da Cultura Visual no Brasil.

Soares e Maciel (2000) destacam que as pesquisas de estado do conhecimento não poderiam, nem deveriam, ter um término, pois identificar e caracterizar o esta-

do do conhecimento sobre determinado campo é fundamental e condizente com a dinâmica do próprio campo de estudo. A confiabilidade de um levantamento que pretende caracterizar-se como estado do conhecimento depende, segundo Spósito (2009), tanto do recorte do universo a ser investigado quanto das fontes disponíveis para consulta.

Por essa razão, o GPEAV vem organizando levantamentos da produção acadêmica em seis fontes de consulta: Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); a Coleção *Educação da Cultura Visual*, organizada por Irene Tourinho e Raimundo Martins, entre os anos de 2009 a 2015, e editada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Anais dos Encontros da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP); Anais do Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil (ConFAEB) e Anais das Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd).

O recorte que se apresenta neste artigo refere-se à coleta, à organização e à classificação das comunicações apresentadas nas Reuniões Nacionais da ANPEd, no período de 2007-2017, a fim de identificar as conexões estabelecidas, pelos pesquisadores identificados, entre o campo de estudo da Cultura Visual e a Educação, além das tendências destacadas nessa produção em relação às abordagens teóricas, aos enfoques metodológicos e/ou às propostas de intervenção pedagógica que estão se configurando nessa produção acadêmica.

Os Anais das Reuniões Nacionais da ANPEd foram considerados como fonte de consulta pelo fato de esse evento ser o mais significativo da área educacional do País, posto que essa associação, organizada como uma sociedade civil independente admite sócios institucionais, como os Programas de Pós-Graduação em Educação, e sócios individuais, os docentes e pesquisadores da área. Esses Anais publicam as comunicações apresentadas na íntegra, constituem-se em uma das coletâneas mais expressiva sobre a pesquisa em educação do País e se encontram disponíveis no *website*¹ da associação.

Cada reunião anual se organiza mediante atividades específicas, tais como sessões especiais e comunicações em seus Grupos de Trabalho (GTs). Em 2007, foi organizado o Grupo de Estudo (GE) Educação e Arte, o qual foi consolidado como GT em 2009. O recorte temporal, definido a partir de 2007 deve-se ao fato de ser este o período de constituição desse GT 24 da ANPEd.

Para a realização da coleta de dados foram utilizados os seguintes procedimentos: definição dos descritores *cultura visual* e *visualidade* presentes no título, resumo ou palavras-chave das comunicações apresentadas no GE 01, nos anos de 2007 e 2008, no GT 24, de 2009 a 2017, e nas sessões especiais de 2007 a 2017. Identificados os trabalhos que se inscrevem no campo da Cultura Visual, estes passaram por um novo refinamento a partir dos descritores da área educacional: Educação Básica, Ensino Superior, Educação de Jovens e Adultos, Educação Não Formal, Educação

¹ Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacional>

Especial, entre outros.

Os dados que apresentamos neste artigo estão organizados do seguinte modo: inicialmente uma contextualização sobre o GT 24 da ANPEd, seguido dos achados da pesquisa e sua análise, por fim, as considerações alcançadas até o momento.

O GT 24 da Anped

A ANPEd se constitui como uma sociedade civil, em 1978, comprometida com a universalização da educação no Brasil. Desde então, tem contribuído para fomentar a investigação na área educacional promovendo o debate entre seus pesquisadores em suas reuniões nacionais e regionais. De acordo com seu estatuto, os GTs são constituídos por associados individuais, interessados em pesquisar e debater determinadas temáticas da educação.

A organização e o funcionamento dos GTs dependem de resolução própria, necessitam ser aprovados em Assembleia Geral e ocorrem, inicialmente, por meio da criação de um GE. Em seguida, apresenta-se à Diretoria da ANPEd uma proposta que justifique a criação do grupo, indicando evidências de não haver superposição entre o grupo previsto e os GTs já existentes. A proposta deve ser assinada por, no mínimo, 50 pesquisadores associados individuais, participantes de, pelo menos, 10 diferentes programas de pós-graduação associados à ANPEd e localizados em mais de uma região do País. Com o cumprimento dessas exigências, o GT 24 foi organizado a partir da carência de um espaço específico para os debates sobre Educação e Arte na ANPEd.

Na 28ª reunião anual, de outubro de 2005, formou-se uma comissão composta pelas professoras Luciana Gruppelli Loponte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Maria Isabel Leite, da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e Sueli Ferreira, da Universidade de Uberaba (UNIUBE), além do professor Gilberto Aparecido Damiano, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a fim de levantar as evidências acerca da relevância da criação de um GE voltado para a temática Educação e Arte. Na 29ª reunião anual de 2006, foi elaborado o documento para ser submetido a Assembleia Geral para sua aprovação. Desse modo, a comissão organizadora coletou dados na Revista Brasileira de Educação e também nos trabalhos apresentados na ANPEd, desde a sua primeira reunião, dando visibilidade às produções que abordassem a temática Educação e Arte nos eventos da associação, dispersa pelos vários GTs. Estes discutiam a Arte a partir de uma abordagem multidisciplinar, o que evidenciava o amplo interesse pela Arte como campo de pesquisa, porém, nesses grupos, as pesquisas possivelmente não permitiriam aprofundamento teórico na área de Arte. Assim, constatou-se a necessidade da criação do GE 01, Educação e Arte, cujas atividades tiveram início na 30ª Reunião Anual da ANPEd, em 2007 (LOPONTE, 2007).

No ano de 2008, na condição de GE, não era possível ao grupo propor uma sessão especial, porém, em colaboração com o GT 23, Gênero, sexualidade e educação, o GE Educação e Arte compôs a sessão especial *Cultura visual, gênero, educação e*

arte, com a participação das professoras Constantina Xavier Filha, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMT), Luciana Gruppelli Loponte e Susana Rangel Vieira da Cunha, ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A partir desse ano, o GT se consolidou por meio da articulação em diferentes frentes, tanto em universidades, quanto entre unidades, firmando parcerias interinstitucionais.

Os achados da pesquisa

A partir dos critérios já indicados na Introdução, foram localizados quatro trabalhos dentre os cento e sessenta e seis apresentados nos GE 01 e GT 24, e três trabalhos nas sessões especiais, entre 2007 a 2017. A sessão especial de 2008, denominada *Cultura visual, gênero, educação e arte*, contou com os trabalhos de Cunha (2008) e Loponte (2008). A sessão especial de 2011, intitulada *Formação de professores, educação infantil, relações étnico raciais e de gênero: desafios e perspectivas*, incluiu o trabalho de Anderson Ferrari, único trabalho posteriormente publicado na *Revista Brasileira de Educação*, publicada pela ANPEd, razão pela qual essa referência está registrada como Ferrari (2012).

Os sete trabalhos localizados, apresentados a seguir em ordem cronológica, são de autoria de Cunha (2008), Loponte (2008), Alves (2011), Ferrari (2012), Noal-Gai (2015), Silva (2015) e Egas (2017), sendo quatro da região Sul, todos vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), dois da região Sudeste, ambos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e um da região Nordeste, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Quadro 01: Total de comunicações no GE 01 e GT 24 período 2007-2017

| ANO | GE/GT | Trabalhos apresentados | Cultura visual | Sessões especiais |
|-------|-------|------------------------|----------------|-------------------|
| 2007 | GE 01 | 28 | 00 | 00 |
| 2008 | GE 01 | 19 | 00 | 02 |
| 2009 | GE 24 | 15 | 00 | 00 |
| 2010 | GE 24 | 14 | 00 | 00 |
| 2011 | GE 24 | 16 | 01 | 01 |
| 2012 | GE 24 | 14 | 00 | 00 |
| 2013 | GE 24 | 18 | 00 | 00 |
| 2015 | GE 24 | 22 | 02 | 00 |
| 2017 | GE 24 | 20 | 01 | 00 |
| Total | | 166 | 04 | 03 |

Fonte: Reuniões anuais da ANPEd (2007-2017)

Quadro 02: Trabalhos sobre Cultura Visual por autoria, região e nível / modalidade educacional.

| Ano | Autoria | IES | Região | Título | Nível/modalidade |
|-----------|-------------------------------|-------|----------|---|------------------------------|
| 2008 | Susana Rangel Vieira da Cunha | UFRGS | Sul | Infância e cultura visual | Educação Básica |
| 2008 | Luciana Gruppeli Loponte | UFRGS | Sul | Gênero, visualidades e arte: temas contemporâneos para educação | Formação docente |
| 2011 | Jefferson Fernandes Alves | UFRN | Nordeste | Por um olhar além da visão: fotografia e cegueira | Educação especial |
| 2011/2012 | Anderson Ferrari | UFJF | Sudeste | Cultura visual e homossexualidades na constituição de “novas” infâncias e “novos” docentes. | Formação docente |
| 2015 | Daniele Noal-Gai | UFRGS | Sul | Pedagogia de cartazes: artes, sensações, vulnerabilidade e aprendizagem | Educação formal e não formal |
| 2015 | Elones Lima da Silva | UFRGS | Sul | Intervenções artísticas em espaços públicos e pedagogia da cidade- possibilidades de pesquisa | Educação formal e não formal |
| 2017 | Olga Maria Botelho Egas | UFJF | Sudeste | A fotografia na pesquisa em educação | Educação docente |

Fonte: Reuniões anuais da ANPEd (2007-2017).

Vale salientar que, em outro levantamento bibliográfico, realizado na Base de Dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT), no período de 2005 a 2015, a fim de identificar a produção acadêmica sobre Cultura Visual que se origina nos Programas de Pós-Graduação em Educação do Brasil (SARDELICH; GARCIA, 2016), a região sul do País destaca-se com o maior quantitativo de trabalhos. Nesse levantamento, sobressai-se a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com 14 trabalhos do seu Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado e Doutorado, sendo de autoria de Susana Rangel Vieira da Cunha (CUNHA, 2005) a primeira tese que discute a problemática dos fenômenos e eventos visuais na área de Educação no recorte temporal

dessa pesquisa. Apesar de não fazer parte do levantamento realizado no Anais da Anped, destacamos o argumento central da tese de Cunha (2005) por esta tornar-se referência para outros pesquisadores brasileiros da área, como será possível constatar no próximo tópico deste artigo.

Cunha (2005) examina imagens presentes em escolas de Educação Infantil (EI) como um cenário, um texto visual que vai além de sua função decorativa, exercendo uma pedagogia da visualidade, que atua em conjunto com outras formas tradicionais de ensinar. Paradoxalmente, apesar de ser exposta ostensivamente nas instituições escolares, essa pedagogia da visualidade “oculta aquilo que ela ensina no (in)visível: a produção de significados, valores, inclusões e exclusões, desigualdades e relações de poder” (CUNHA, 2005, p. 75). A autora conceitua a pedagogia da visualidade como modos de as crianças verem e entenderem o mundo que “formulam conhecimentos e saberes que não são ensinados e aprendidos explicitamente, mas que existem, circulam, são aceitos e produzem efeitos de sentido sobre as pessoas” (CUNHA, 2005, p. 75). O argumento central de Cunha (2005) destaca a construção social da visão e a ação dos artefatos visuais como produtores de subjetividades infantis.

Em relação ao nível de escolarização ou modalidade de formação discutida nos sete trabalhos localizados, identificamos que três deles – Loponte (2008) Ferrari (2012) e Egas (2017) – focalizam a formação docente e dois – Noal-Gai (2015) e Silva (2015) –, a Educação Formal e Não Formal. Demarcamos a Educação Não formal, a partir de Gohn (2016), como processos de autoaprendizagem e aprendizagem coletiva, a partir da experiência em ações coletivas, principalmente nas que envolvem a participação social, cultural ou política, produzindo conhecimento pela reflexão no cruzamento entre saberes herdados e incorporados nessas experiências coletivas. Um dos trabalhos localizados – Alves (2011) – problematiza as práticas de produção visual na Educação Especial, e outro trabalho – Cunha (2008) – situa a experiência visual no âmbito da Educação Básica.

O que se fala sobre Cultura Visual

Cunha (2008) inicia sua exposição fazendo referência à própria tese de doutorado (CUNHA, 2005), a partir da qual organiza os argumentos sobre as relações entre a infância e a Cultura Visual. A pesquisadora constrói sua argumentação em diálogo com: Michel de Certeau, sobre as práticas cotidianas; Tomaz Tadeu da Silva, sobre o currículo como representação; Roger Simon, sobre a pedagogia como tecnologia cultural; Mury Nelson e Shirley Steinberg, sobre a cultura infantil e a infância consumidora; Nestor Garcia Canclini, sobre a constituição de identidades e o consumo; Philippe Aries, sobre a construção visual da infância; Alberto Manguel e Wim Wenders, sobre a narrativa das imagens e a ilusão do autoreflexo; José Moura Gonçalves Filho, sobre as relações entre memória e olhar; Janet Wolff, sobre a construção social de significados e as tentativas para fixá-los; John Berger, sobre a construção social da visão; Chris Jenks, Fernando Hernandez, Nicholas Mirzoeff, John Walker e Sarah Chaplin para demarcar o campo da Cultura Visual; e Gillian Rose para localizar as

metodologias visuais.

A autora articula esses diferentes autores para pensar a construção social da visão, destacando a ação dos artefatos visuais presentes nas escolas como produtores de subjetividades infantis. Cunha (2008) demarca o campo de estudo e indica que este pode ser denominado de Estudos da Cultura Visual ou Cultura Visual, compreendendo-o como o questionamento sobre as imagens e seus efeitos, no mundo contemporâneo e “[...] focaliza o universo visual e os modos como este universo produz nossos modos de ver o mundo” (CUNHA, 2008, p. 5). Observa que a Cultura Visual se caracteriza por um “movimento” entre diferentes campos disciplinares, que contribuem com seus elementos teóricos e metodológicos, seja da Estética, da Antropologia, da Arquitetura, da Crítica e História da Arte, da Fenomenologia, da Psicologia, da Semiótica, da Sociologia, dos Estudos do Gênero, de Mídia e Étnicos, entre outros. Indica que os objetos de estudo e suas análises são “concebidos a partir da interdisciplinaridade que os próprios objetos suscitam” (CUNHA, 2008, p. 5).

A pesquisadora menciona que, desde a publicação do livro de Fernando Hernández no Brasil, em 2000, intitulado *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*, a expressão Cultura Visual se instalou no campo educacional e, devido às poucas publicações, até aquele momento no País, muitos eram os questionamentos referentes à essa denominação. Para situar historicamente a construção do campo de estudo, Cunha indica o trabalho de John Berger, *Modos de Ver* (BERGER, 1999), como um dos precursores da discussão acerca das imagens como produtoras de realidades. Mesmo sem utilizar a expressão Cultura Visual, a abordagem de Berger (1999) sobre “como nosso olhar é mediado pelas diferentes imagens, sejam elas da arte ou da publicidade, anunciam as reflexões das próximas décadas na educação e nas artes visuais” (CUNHA, 2008, p. 6).

A autora também afirma que não há significados previamente estabelecidos para as imagens, mas que estes são construídos nas interações sociais e culturais que ocorrem com as próprias imagens. Desse modo, os sentidos não têm origem nas imagens, mas nas pessoas que dão existência aos materiais visuais, e por essa razão, cada época e cada cultura produzem seus regimes escópicos. Para a autora, um trabalho pedagógico que problematize a Cultura Visual requer um distanciamento do docente, pois muitas dessas imagens fazem parte dos acervos do educador e do pesquisador, o que demanda entender como adultos e crianças constroem significados em torno do mundo imagético, sem esquecer que as nossas subjetividades também estão sendo construídas nos diálogos com essas representações imagéticas.

Por sua vez, Loponte (2008) argumenta que a emergência do campo da Cultura Visual traz questões que afetam sobremaneira nosso olhar sobre as imagens artísticas e que nossas formas de ver têm sido questionadas e deslocadas. A autora fundamenta-se nos trabalhos de: Guacira Lopes Louro, que destaca a regulação e a vigilância que normatiza sujeitos de diferentes gêneros, raças e classes; Laura Trafí que traz as políticas da visão; Elizabeth Garber, com as relações entre o poder e o ato de olhar ou ser objeto do olhar; Linda Nochlin, com o conceito de olhar corporificado, construído a partir de identidades de gênero e sexualidade muito específicas; Marian López Fernandez-Cao, com a geografia do olhar, as representações visuais que incluem ou

excluem; Patrícia Mayayo, que destaca a exclusão da mulher como sujeito de criação na Arte; Ivone Mendes Richter, que discute as várias identidades femininas; e Fernando Hernandez, que traz a visão como construção social implicada na construção de subjetividades e identidades.

Loponte (2008) conecta essa rede de conceitos para posicionar-se contrária a um discurso quase religioso em torno da Arte que a demarca no intocável e transcendente reino da sensibilidade e percepção, o que, por sua vez, eclipsa qualquer questão política da produção artística. A autora indica que a emergência do campo da Cultura Visual tem afetado o modo de olhar para as imagens artística, tanto nos estudos sobre arte quanto na educação, levando a questionar formas de ver e interpretar as produções das artes visuais que vêm perdendo “uma certa inocência e a crença da neutralidade das imagens artísticas [...] a visão começa a ser concebida como uma construção social fortemente implicada na construção de subjetividades e identidades” (LOPONTE, 2008, p. 4). Essa pesquisadora considera que, dentre as contribuições introduzidas pelos Estudos Culturais, Estudos de Cultura Visual e Estudos Feministas, a mais significativa seria o fato de compreender que as imagens não são reflexo do mundo, mas, sim, estão produzindo significados no e para o mundo, tendo efeitos diretos em nossos modos de vida, pois atuam sobre como percebemos nossas próprias identidades sexuais e de gênero. Para Loponte (2008) há muito mais na superfície das imagens a ser analisado para além do que propõem as leituras formalistas que destacam os elementos visuais e aquilo que “supostamente” o artista “quis dizer”. Por fim, afirma que é possível considerar as produções artísticas como modalidades enunciativas que, como outros textos culturais, também disputam espaço para fixar e produzir identidades sexuais femininas e masculinas.

O próximo pesquisador, Alves (2011), propõe uma reflexão acerca da maneira como as imagens são construídas, fundamentando-se a partir das seguintes noções: de que o olhar não se limita à visão, de Oliviero Toscani; da fotografia como imagem-ato, de Philippe Dubois; da proeminência da visão que eclipsa outros sentidos nos processos perceptivos, apresentados por Jacques Aumont e José Alfonso Balestero-Álvares; da compreensão de imaginação como (re)formulação de imagens enlaçadas nas tramas culturais interimagéticas, de Vilém Flusser; da acessibilidade imagética como forjadora de processos identitários e direito social de todos, de Milton Guran; da pedagogia da imaginação, de Ítalo Calvino; da dimensão instituinte dos objetos como figuras discursivas, de Pier Paolo Pasolini; da paisagem sonora, de Murray Schafer; da visitação como um ato de ver, de Marilena Chauí; do punctum como esquema interpretativo de Roland Barthes; e da concepção dos processos imaginativos das pessoas com deficiência visual, de Oliver Sacks.

A partir desse conjunto de ideias, Alves (2011) propõe atividades de produção fotográfica com não videntes, dando, por meio dessa prática de produção visual, visibilidade aos cegos na sociedade vidente. O autor desenvolveu um trabalho no Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos (IERC), na cidade de Natal, estado do Rio Grande do Norte, com deficientes visuais atuando como fotógrafos. Nesse trabalho, o pesquisador considera a possibilidade de olhar para a fotografia a partir do enfoque da deficiência visual sem restringir-se à deficiência, mas a partir de uma compreen-

são de alteridade, entendendo as formas com que deficientes visuais respondem ao mundo e aos outros. De acordo com essa concepção, essas formas propiciam modos de ver a nós mesmos como sujeitos entrelaçados na diferença, expondo nossas próprias deficiências. O autor discute, ainda, as limitações que são dadas, pelos adultos, ao uso de objetos por crianças, principalmente às crianças com deficiência visual, por considerarem que, sem a visão, não devem fazer uso de objetos que demandam a interação visual. Entretanto, o autor chama a atenção, também, para como os objetos consumidos definem a classe social e o lugar de quem os possui causando segregação nesta era de consumismo exacerbado.

Por seu turno, Ferrari (2012) utiliza os conceitos de: modos de endereçamento, de Elizabeth Ellsworth; teoria da performatividade, de Judith Butler; identidade pela diferença, de Kathryn Woodward; a infância como um outro, de Jorge Larrosa; a construção social da visão, de Suzana Rangel Cunha; as relações de poder de Michel Foucault; e famílias homo parentais, de Ana Paula Uziel.

A partir dessa fundamentação teórica, Ferrari (2012) aponta seu interesse no estudo das articulações entre as sexualidades e a cultura, tomando a educação como campo de análise desse encontro. O autor demarca a Cultura Visual como “uma trama teórico-metodológica transdisciplinar” (FERRARI, 2012, p. 16) que não se preocuparia tanto com a leitura formal de imagens, mas, sim, com a ação dessas imagens na produção de subjetividades. Para ele, “as imagens também podem ser entendidas como discursos [...] que vão construindo uma realidade, e não ‘a’ realidade” (FERRARI, 2012, p. 16). Do mesmo modo que as imagens constroem uma realidade, o autor considera que, por meio dessas mesmas imagens, é possível problematizar e colocar sob suspeita essas ações sobre nós e os outros, sendo possível pensar o mundo no qual nos inserimos em nossas posições de sujeito. Para tanto, Ferrari toma como ponto de partida um documentário catalão sobre famílias homo parentais produzido para o sistema escolar e enfatiza que se faz necessário pensar a relação entre Cultura Visual e subjetividades, questionando os espaços em que essas relações são construídas, como as escolas e as universidades. “Cultura visual e formação docente estão implicadas uma na outra, como práticas questionadoras do social e cultural” (FERRARI, 2012, p. 118).

Seguindo com os estudos, Pedagogia de cartazes é a proposta de Noal-gai (2015), que organiza seu referencial teórico a partir dos conceitos de: faculdades intuitivas, de Henri Bergson; ética da experiência, de Michel Foucault; conhecimento visual, de Georges Didi-Huberman; imagem e narrativa, de Walter Benjamin; o brincar, o viver criativo e a experiência cultural, de Donald Winnicott; a partilha do sensível, de Jacques Rancière; a profanação, de Giorgio Agamben.

A autora afirma reunir essas ideias para questionar o que as visualidades podem produzir naqueles que as percebem e sugere que a experiência visual é aprendizagem e não somente poluição das passagens, de informação sobre exposições. Noal-gai discorda dos livros sobre jogo e educação para os quais tudo é psicologicamente calculado em função de idades, estágios, fases, como se as pessoas fossem caixas etiquetadas. Ela observa que, quando organizamos os espaços, procedemos por classificações e segregações e que, ao organizarmos espaços supostamente lúdicos,

em geral, separamos a curiosidade de quem joga do ato de jogar. A autora também afirma que brincar requer mais sensações do que etiquetas, pois exige rotatividade e pouca organização e propõe afastar-nos das etiquetas, tais como as ideias de: “aluno diagnosticado”, “aluno tímido”, “aluno coitado”, “aluno que não sabe nada”, “aluno mais ou menos”, “aluno com dificuldades de aprendizagem”, “aluno em situação de vulnerabilidade”, “aluno abusado ou violentado”. Ao invés disso, deveríamos capturá-los pela alegria da experiência da aprendizagem, como sujeitos capazes de afirmarem-se, de se produzirem pelo que aprendem e transformam em suas vidas.

Noal-Gai (2015) considera que, tal como na arte, a aprendizagem é um processo criativo, que necessita levar em consideração a diversidade cultural. Ela faz uma crítica à ênfase dada à aprendizagem pelo desenvolvimento e ao desenvolvimento pela aprendizagem, por entender que as práticas cotidianas na escola são relativizadas à mesmice do nível do desenvolvimento da aprendizagem, ao invés de docentes estarem pensando em trazer para o centro deste processo o envolvimento de todas as pessoas da comunidade, sem fazer nenhum tipo de distinção, mostrando que todos são capazes de aprender, de forma dinâmica e plural, experienciando, dentro e fora dos portões da escola. Na proposta da pedagogia de cartazes, não há linearidade, pois essa pedagogia exige uma dinâmica que circule, embaraçando as experiências vivenciadas no cotidiano.

Por sua vez, para problematizar as práticas culturais juvenis de grafiteiros e pichadores com modos de vi(ver) a cidade e as pedagogias, Silva (2015) parte das noções de: arte como embelezamento da vida, de Nietzsche; *flâneur*, como observador da vida urbana, de Walter Benjamin; ato criador, de Edith Derdyk; análise rítmica, de Henry Lefebvre; cidade polifônica, de Massimo Canevacci; socialidades, de Michel Maffesoli; experiência, de Jorge Larrosa; pedagogias culturais de Shirley Steinberg e Joe Kincheloe; lugares de aprendizado, de Elizabeth Ellsworth; o visual como campo de disputa de significados, de Nicholas Mirzoeff, citado com intermédio de Suzana Rangel Vieira da Cunha (CUNHA, 2005) e Raimundo Martins (MARTINS, 2005); e artefatos visuais que mediam significações culturais, de Fernando Hernández.

Silva (2015) considera que as práticas do *graffiti* vem passando por uma crescente institucionalização em escolas, museus e galerias de arte, apontando para uma “pedagogização” do *graffiti*. A autora discute as relações possíveis entre as intervenções urbanas, as metrópoles e seus modos de vida, indicando que o *graffiti* não transforma o espaço, mas interage com o que já existe, tornando-se parte da paisagem. Ela indica a existência do “campo interdisciplinar da Cultura Visual, que se movimenta em diferentes áreas como a Estética, Antropologia e Sociologia” (SILVA, 2015, p. 7). Por fim, observa que o simbolismo visual urbano configura o modo de vida de seus habitantes, muitas vezes sem que eles consigam perceber, e vai compondo a maneira como vivemos.

Encerrando a série de estudos encontrados, trazemos Egas (2017), que apresenta a fotografia como o procedimento artístico básico para a construção da visualidade contemporânea e suas implicações em sala de aula. Para discutir como as imagens fotográficas tornam visíveis os problemas relacionados ao ensino e à aprendizagem, a autora se fundamenta: nas metodologias artísticas de investigação apresentadas

por Ricardo Marin Viadel e Joaquín Roldán; na Pesquisa Educacional baseada em Artes, por Belidson Dias; nas Metodologias Artísticas de Pesquisa na Educação, por Tom Barone e Elliot Eisner; e na ideia de imagem desterritorializada, de Joan Fontcuberta.

A autora observa que, apesar de ganhar espaço nos currículos escolares, ainda hoje, a arte na escola “ilustra” e “faz a festa” do calendário escolar. Painéis decorados com personagens da mídia, a história da arte cronológica e seus artistas consagrados são privilegiados em detrimento das imagens produzidas pelos alunos. Egas (2017) destaca o uso da fotografia em uma pesquisa educacional baseada em artes, na qual pode ser entendida como um dado, como um instrumento documental, ou como uma ideia ou como um pensamento visual. A utilização da fotografia na pesquisa pressupõe tomar decisões sobre o objeto de pesquisa, o como fazer a pesquisa, o contexto visual que a envolve, o revelar o olhar de pesquisador, como também o colocar em dúvida aquilo que vê e dá a ver. A pesquisadora indica que o pensamento visual, ou pensamento fotográfico, pode ser organizado em séries fotográficas, fotos-ensaios, fotos-discursos, *fotocollage*, entre outras possibilidades, a depender da intenção, do plano de trabalho, do processo investigativo que coloca o pesquisador em permanente estado de invenção. Ela finaliza sua exposição questionando sobre como tornar possível o estudo da Educação por meio de suas próprias imagens, ou seja, as possibilidades de descrever e analisar os problemas educacionais a partir do ponto de vista oferecido pelas imagens.

Considerações transitórias

A partir da análise dos sete trabalhos localizados no levantamento bibliográfico, podemos concluir que educadores vêm, timidamente, discutindo a problemática da visualidade na formação humana, no GT 24 da ANPEd. Quantitativamente, a região Sul destaca-se com o maior número de trabalhos, sendo quatro deles vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), dois da região Sudeste, ambos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e um da região Nordeste, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). No tocante ao nível de escolarização ou modalidade de formação discutida nesses trabalhos, três deles – Loponte (2008) Ferrari (2012) e Egas (2017) – discutem questões relacionadas à formação docente; dois – Noal-Gai (2015) e Silva (2015) –, a Educação Formal e Não Formal; um trabalho problematiza as práticas de produção visual na Educação Especial – Alves (2011) –; e um trabalho – Cunha (2008) – assinala a experiência visual no âmbito da Educação Básica.

Os pesquisadores identificados neste levantamento bibliográfico tomam suas referências teóricas de vários campos de estudo (Antropologia, Cinema, Estética, Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Estudos Literários, Filosofia, História, Linguística, Psicanálise, dentre outros), o que corrobora o fato de que a discussão da construção social da visão e a construção visual do social transcende fronteiras disciplinares. Apesar de os sete trabalhos utilizarem, pelo menos, um dos descritores definidos nesta investigação para a identificação do campo da Cultura Visual, três deles – Alves

(2011), Noal-gai (2015), Egas (2017) – não demarcam seus estudos especificamente no campo da Cultura Visual.

Dentre os pesquisadores que explicitamente se posicionam nessa demarcação destacamos três: Cunha (2008) compreende que a Cultura Visual focaliza o universo visual e os modos como esse universo produz nossos modos de ver o mundo; Loponte (2008), que a Cultura Visual afeta o modo de olhar para todas as imagens, incluindo as artísticas, questionando a construção social fortemente implicada na construção de subjetividades e identidades; e Ferrari (2012) que a compreende como uma trama teórico-metodológica transdisciplinar que se preocupa com os efeitos das visualidades na produção de subjetividades. Esses três trabalhos enfatizam os aspectos relacionados com construção social da visão, da subjetividade, voltando-se para a discussão da infância e a formação docente, em cruzamento com a Arte-Educação e gênero, bem como a Formação de Professores, destacando-se a fotografia e o *graffiti* como procedimentos básicos para a produção visual e discussão da visualidade.

Apesar de Egas (2017) não demarcar explicitamente o campo de estudo da Cultura Visual em seu trabalho, consideramos que a autora se aproxima da discussão da construção visual do social, do conhecimento, ao indagar sobre o uso da fotografia em uma pesquisa educacional entendida como ideia, como pensamento visual. Egas (2017) provoca seus pares a pensar em problemas, situações educativas que não possam ser expressos por palavras, mas fundamentalmente através de imagens, desafiando a definir, descrever, documentar e concluir visualmente.

Tendo em conta que a discussão da construção social da visão, da subjetividade, vem ganhando timidamente atenção no GT 24 da ANPEd, a discussão da construção visual do social, do conhecimento sobre educação, constitui uma brecha de pesquisa que depende de um posicionamento desoprimido, capaz de dar a ver que textos verbais sobre os problemas educacionais podem não ser suficientemente esclarecedores.

Referências

ALVES, Jefferson Fernandes. **Por um olhar para além da visão: fotografia e cegueira.** In: Anais da 34^a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Natal, RN, 02 a 05 de outubro de 2011.

BERGER, John. **Modos de ver.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CHARLOT, Bernard. **A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas.** Revista Brasileira de Educação, n. 31 jan./abr. 2006.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. **Infância e cultura visual.** In: Anais da 31^a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Caxambu, MG, 19 a 22 de outubro de 2008.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Educação e cultura visual: uma trama entre imagens e infância.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, RS, 2005.

EGAS, Olga Maria Botelho. **A fotografia na pesquisa em educação.** In: Anais da 38ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, São Luís, MA, 01 a 05 de outubro de 2017.

FERRARI, Anderson. **Cultura visual e homossexualidades na constituição de "novas" infâncias e "novos" docentes.** Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 49, p. 107- 217, jan.- abr. 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal nas instituições sociais.** Revista Pedagógica, v. 18, n. 39, p. 59-75, set. - dez. 2016.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Gênero, visualidades e arte: temas contemporâneos para a educação.** In: Anais da 31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Caxambu, MG, 19 a 22 de outubro de 2008.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Conferência- Educação e Artes na ANPEd: a conquista de um novo espaço.** In: Anais do XVII Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil. Florianópolis, Santa Catarina, 2007. p. 1-6.

MARTINS, Raimundo. **Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura Visual.** In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. HERNANDEZ, Fernando (orgs). A Formação do Professor e o Ensino de Artes Visuais. Santa Maria: Editora UFSM, 2005, p. 133-147.

NOAL-GAI, Daniele. **Pedagogia de cartazes: artes, sensações, vulnerabilidade e aprendizagem.** In: Anais da 37ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Florianópolis, SC, 04 a 08 de outubro de 2015.

SARDELICH, M. E.; SANTOS, A. M. dos; BRUSTOLIN, J. G. **O que se pode aprender com projetos de Cultura Visual em espaços não formais de aprendizagem.** Revista Educação, Artes e Inclusão. v. 13, n.3, p. 178-195, set. - dez. 2017.

SARDELICH, M. E.; GARCIA, A. **O campo da Cultura Visual na produção acadêmica brasileira disponível no banco de teses da CAPES período 2010 - 2015.** In: Anais do V diálogos internacionais em artes visuais. Recife: Editora da UFPE, 2016. v. 1. p. 220-233.

SILVA, Eloenes Lima. **Intervenções artísticas em espaços públicos e pedagogias da**

cidade-possibilidades de pesquisa. In: Anais da 37ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Florianópolis, SC, 04 a 08 de outubro de 2015.

SOARES, Magda; MACIEL, Francisca. **Alfabetização.** Brasília: MEC/Inep/ Comped, 2000.

SPOSITO, Marilia Pontes (coord.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006).** Belo Horizonte, MG: Argumentvm, 2009. p. 7-9.

Submetido em: 30/07/2018
Aceito em: 09/01/2020